

Os brasileiros celtas

João Lupi¹

Docente de Doutorado Interdisciplinar em Ciências
Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

lupi@cfh.ufsc.br

Recebido em: 10/12/2017

Aprovado em: 30/04/2018

Resumo :

Nas últimas décadas muitos jovens brasileiros têm se interessado pelas culturas celtas e inclusive adotado traços e comportamentos que, de certo modo, se consideram de origem celta. Os professores e acadêmicos geralmente respeitam tais interesses, que pode vezes contribuíram para despertar, mas alertam para o inconveniente de confundir essas projeções culturais com as culturas celtas originais. Desde seus inícios as culturas celtas, muito dispersas e variadas, se modificaram muito, e os chamados *revival* captam e reconstituem apenas traços isolados, com frequência fantasiosos. As artes e literaturas inspiradas nos antigos povos contribuem certamente para incentivar o gosto e a capacidade de imitar e “viver” as culturas antigas: cabe aos estudiosos e assim tem procedido o grupo do *Brathair* – fazer as distinções possíveis e cabíveis, evitando mal-entendidos.

Palavras-chave: Estudos Célticos, Brasil, Abordagens de pesquisa

Abstract :

In the last decades, many young Brazilians have become interested in Celtic culture and have actually adopted traits and behaviors that are considered of Celtic origin. Teachers and scholars generally respect such interests, which sometimes contribute to an awakening, but they alert to the danger of confusing these projections with the original Celtic cultures. Since their beginnings, Celtic cultures, widely spread and diverse, changed much. The so-called *revival* capture reconstitute isolated traits only, and frequently in a fanciful manner. The arts and literature inspired in these ancient peoples certainly contribute to stimulate the taste for and the capacity to imitate and “live” ancient cultures. It is up to the scholars – and so has the group *Brathair* been doing – to make the distinctions that are due, avoiding misunderstandings.

Keywords : Celtic Studies, Brazil, Research approaches

A questão das identidades nacionais, muito discutida na Europa contemporânea, não só levantou problemas para os intelectuais como fez parte de campanhas políticas, foi ideologia para muitas guerras de tipo nacionalista, e estendeu-se a outros continentes. Nesse turbilhão de ideias, ou conceitos, a identificação com tal ou qual antepassado, ou povo, assumiu muitos aspectos e variantes, uns mais sutis, outros mais impositivos. Lembremos alguns exemplos: a concessão de cidadania aos imigrantes que se fixam no país de acolhimento; a adoção de uma identidade étnico-cultural como a celta dos irlandeses com inúmeras repercussões sociais e culturais (FOSTER 1991,274ss; ABRANTES 2008, 153-155); a convicção que leva cada povo a escolher os seus antepassados, como ocorreu no Renascimento com as supostas ascendências de povos do período clássico greco-romano – helvécios, lusitanos – mesmo quando a maior parte da população não teve essa herança étnica (LUPI 2001, 5-8); e, mais flexível, a ideia de que grego (ou índio, ou chinês) não é quem descende desse povo, mas quem lhe adota a cultura. É nesta perspectiva de variantes e imprecisões que vamos discutir o modo, e os motivos, pelos quais alguns brasileiros assumem, ao menos parcialmente, e mais afetivamente do que na realidade quotidiana, a cultura e a ascendência celta. Nestas condições frequentemente a adesão a um interesse cultural é compatível com outras culturas e povos – o sincretismo é dominante, não a exclusividade.

A criação de novas culturas e a mediação dos impérios

Entranhar-se num mundo do passado, como o celta, pode ser feito de muitas maneiras, por inúmeras entradas, e com motivações variadas; uma delas, própria da perspectiva de medievalistas, tem sido o ponto de partida de alguns que a ela se dedicam no Brasil: o da construção da Europa no período tumultuado e difícil dos séculos V a X. Lembremos brevemente os fatos principais. Em 476 o enviado do imperador de Constantinopla, Odoacro, um bárbaro, destituiu o último imperador de Roma, Rômulo Augústulo, e enviou para o basileu as insígnias imperiais romanas. Esse fato foi adotado por muitos historiadores como definindo o final do Império Romano do Ocidente. Entretanto os povos germânicos tinham se infiltrado no Império, nem sempre de forma invasora; mas nem eles nem Odoacro acabaram com o império, porque durante os séculos seguintes os próprios governantes germânicos, bem como alguns celtas e

eslavos, assumiram para si a condição de imperadores romanos – Carlos Magno (742-814), Otão (912-973), Ivan III (1440-1505) e outros. De fato não houve um corte abrupto entre o Império e o período seguinte, quando os povos que ocuparam as terras romanas deram lugar ao que podemos chamar de os *Reinos combatentes*. A Europa foi construída por esses reinos, e sua cultura mantida em mosteiros e catedrais, mas a cultura dos povos romanizados e cristianizados – celtas, germanos, eslavos e outros – também não desapareceu, e ficou viva sobretudo nas populações rurais – os pagãos, habitantes dos pagos.

A recomposição de significados

Refeito esse itinerário à procura de significados originais vemos que os personagens se modificam para compor novos temas, como, por exemplo, na transformação dos heróis guerreiros em heróis da cavalaria, ou da inserção da mitologia celta no cristianismo. As óperas de Richard Wagner ficariam com seu sentido truncado se não considerarmos as três épocas em que se desenvolvem: o romantismo alemão, a Idade Média Germânica, e a mitologia nórdica. Boa parte da literatura de cordel nordestina precisa de referência à cultura medieval e antiga para ser integralmente compreendida.

Os relatos de viagens medievais precisam de referência adequada: muitas vezes as peripécias da viagem relatada só são compreensíveis quando se percebe que elas não são apenas elaborações fantásticas, mas representações das viagens interiores de monges e cavaleiros, e mesmo de cristãos comuns, que desse modo entendem, de maneira figurativa, o mundo que levam dentro de si mesmos e os perigos que assolam a sua vida espiritual terrestre a caminho *da outra vida* (ZIERER 2013: 71-125, referente à *Visão de Túndalo*).

Porém toda realização cultural é uma exposição pública, e a obra ao ser publicada deixa de ser particular. O artista, quando expõe sua obra deixa de ser dono dos significados dela: a obra passou a ser propriedade de todos os que a vêem, ouvem (ou saboreiam, cheiram), que estão livres para encontrar na obra os sentidos que ela desperta na sua fantasia. O regente de orquestra imprime um estilo pessoal a uma composição clássica, mesmo que clássico indique aquela obra que foi admitida por sucessivas gerações como sendo intrínseca e constitutiva de uma cultura; mas nem por

isso ela é estática e congelada. Assim é com a *reconstrução* das culturas europeias medievais, clássicas e pré-históricas: as estátuas são colocadas em outros espaços e contextos, as músicas são tocadas por outros instrumentos e em ritmos diferentes; na sua origem essas obras eram polivalentes, continham multidões de ideias e significados, que ao longo dos séculos foram aparentemente reinterpretados – na realidade outros significados além dos conhecidos foram *descobertos*, mas estavam nelas contidos. É assim que entendemos o modo brasileiro de estudar os antigos celtas (e outros povos): aprendemos, é claro, as possibilidades de análise com os estudiosos europeus, principais depositários dos vestígios desses povos. Mas estamos livres para criar nossa própria maneira de passar aos mais jovens o interesse e o entusiasmo pelas vidas desses antepassados europeus (BIRKHAN 2008: 15-33).

Um núcleo interdisciplinar coerente e fraterno

Seria arriscado afirmar que os estudos celtas (e germânicos) no Brasil começaram com a criação, em 1999, do grupo de medievalistas que se reúne em torno da revista *Brathair* – “os irmãos”. Mas, se antes dessa data, havia algo publicado sobre o tema, seria disperso e não teve continuidade. Passados quase vinte anos o grupo se confirmou como uma referência consolidada para essa temática no Brasil, com repercussões em alguns países europeus, com os quais já se estabeleceram laços de intercâmbio, entre investigadores e entre instituições. Desde o início o grupo tem mantido uma estrutura interdisciplinar, embora com predominância de historiadores e literatos, mas com outras áreas representadas, como arqueologia e filosofia. Mais importante ainda é a concepção de pesquisa: ela deve ser criteriosa, academicamente bem fundamentada, aberta a todas as áreas de conhecimento (ZIERER 2010: 15-30). O grupo, que continua sendo de uma dezena de pesquisadores, como no seu início, está disperso por meia dúzia de universidades, nunca se constituiu em associação (mas em GT do CNPq) e mantém sua união não só pelos interesses e atividades comuns – revista semestral, simpósios a cada dois anos – mas também pela amizade, que é considerada fator importante de coesão e seriedade da pesquisa: os laços estreitados pela convivência e objetivos comuns criam uma abertura necessária para a aceitação de projetos, e de outros pontos de vista, que são tidos em consideração porque vêm do interior do grupo. Essa abertura é a porta do

diálogo, sem o qual a ciência se destrói a si mesma. Foi por essa coesão que o grupo agregou pesquisadores de diversas instituições e áreas de conhecimento, atraídos para participar nas iniciativas dos *bratharianos*: na revista conta-se cerca de uma centena de artigos vindos de colaboradores de todo o Brasil e do exterior, e nos livros publicados como anais e coletâneas há meia centena de convidados que contribuíram para a ampliação e difusão dos estudos célticos e germânicos.

Retorno, projeções e festivais

A abertura a outras interpretações tem levado alguns pesquisadores a recolher, interpretar e explicar outras manifestações inspiradas nas culturas célticas e germânicas, mas de um tipo menos acadêmico, mais artísticas e fantasiosas – pinturas pré-rafaelitas (LANGER, 2009: 49-52), óperas, filmes sobre vikings, narrativas românticas de cavalaria, histórias em quadrinhos, jogos eletrônicos (games). Esse retorno das antigas culturas deve ser colocado no seu devido lugar, mas não haveria sentido em recusar tais manifestações de arte e imaginação. Elas têm por vezes muito senso estético e criatividade, e provavelmente algumas não serão mais distantes da cultura céltica original do que as danças a que os turistas assistem nos bares de Dublin, ou os festivais nos morros de Edimburgo, que são obviamente *projeções folclóricas*. Em muitos casos tais projeções podem ser um ponto de partida para uma discussão sobre as culturas que as inspiraram, mas levantam um problema: é que se abre caminho para outras “atualizações” como o neo-druidismo e a *Wicca*, que têm forte presença no Brasil, e produzem algumas vezes confusões nas mentes menos preparadas, que os tomam como autenticamente celtas. O grupo do *Brathair* não se considera, nem poderia ser, o guardião da autenticidade celta e germânica no Brasil, mas tem advertido que essas atividades e concepções são projeções culturais.

Vamos deter-nos um pouco mais a refletir sobre esta questão. Os povos existem e subsistem se alterando continuamente, na sua composição étnica, no seu idioma, na sua cultura, não só porque há neles um dinamismo interno que, conforme as circunstâncias e as lideranças, deixa de lado uns traços, aumenta alguns, diminui outros, mas também porque recebe influências externas e aportações de outras culturas. Mas, por outro lado, existe nas sociedades um impulso interno centrípeto, conservador, que

faz com que, mesmo nas mudanças, o povo (a cultura) continue idêntica a si mesma. Chega porém um momento, ou um período mais ou menos longo, em que se produz uma ruptura, e algo de importante se perde. Assim aconteceu, por exemplo, com os irlandeses que aderiram ao cristianismo e deixaram (mas não completamente) a religião tradicional na Idade Média. Processo semelhante aconteceu com os lusitanos, que sob o Império Romano adotaram o idioma e diversos aspectos da cultura romana imperial. Assim aconteceu com muitos outros povos, e não apenas com o idioma e a religião, mas nem por isso deixaram de ser considerados, e se considerarem, sucessores e descendentes do povo anterior. Por isso, quando alguém “adota” uma cultura alheia, de uma sociedade de certo modo “extinta”, e o faz como numa revivência (*revival*) só a pode reconstituir em apenas alguns traços, ou de formas fantasiosas. Não é possível reconstituir, e muito menos reviver, uma cultura de forma integral: seria preciso que um povo inteiro abandonasse o seu modo de vida e adotasse um outro; mesmo em casos experimentais, como feiras medievais, ou aldeias reconstituídas, sabemos que sob uma aparência atraente há muitas falhas, incorreções e erros, e por mais perfeito que seja o *revival* dura apenas algumas horas. A *Wicca*, e o neo-druidismo, a cujos praticantes muitas vezes não se pode negar sinceridade de propósitos, são vividos no Brasil no seio de uma sociedade ocidental, e se exprimem em língua portuguesa, não em gaélico. Os “casamentos celtas” e outras cerimônias são invenções fantasiosas, feitas a partir de traços aleatórios, pois não se conhecem os modelos originais. Em suma, as vivências celtas no Brasil não têm condições de ser fiéis aos supostos originais, e geralmente têm consciência desse afastamento. Podemos considerá-las experiências de vida espiritual, que contribuem para o enriquecimento pessoal interior dos participantes, mas não contribuem para o conhecimento dos celtas. Aliás, quando se fala em “os celtas” é preciso definir de quem estamos falando: o grupo do *Brathair* tem chamado a atenção para a grande variedade de sociedades celtas da Antiguidade e Império Romano: não só escotos da Irlanda, mas pictos e escotos da Escócia, galeses e bretões das ilhas e do continente, gauleses, belgas, helvécios, celtiberos, boios e outros povos dos Balcãs, e gálatas da Anatólia; de todos eles existem descrições ou artigos mais ou menos extensos nas revistas, coletâneas e anais dos simpósios, chamando a atenção para a variedade de culturas celtas, e portanto para a inconsistência de se chamar algo genericamente celta – termo impreciso que pouco define.

Do ponto de vista estritamente acadêmico (erudito, universitário) não é muito diferente. Quando estudamos um autor, um aspecto da sua obra, ou um texto, uma visão social, um traço religioso, uma composição musical, ou um elemento artístico, etc., muitas vezes não o tomamos na sua configuração original, mas já retocado pelo uso e pelo tempo, e certamente ao retirá-lo do seu contexto o deformamos, e lhe damos significados da nossa vida intelectual. Além disso, ninguém, no meio acadêmico, pode “sonhar” com conhecer integralmente uma determinada cultura celta: gaélica do século IV d.C., gálata do helenismo, gaulesa romanizada, ou qualquer outra. No mundo dos departamentos e dos institutos a imagem padrão do estudioso (*scholar*, pesquisador) é a de um especialista em algo bem definido, que cuida muito ao falar ou escrever fora de sua área.

Estas e outras reservas, ou cautelas, não impediram os simpósios e encontros do *Brathair* de criar um ambiente propício à compreensão das exposições acadêmicas. Exposições de arte, audições musicais, às vezes um teatro improvisado, gastronomia, que se procura que sejam próximas ao original, mas que sabemos serem também projeções, ajudam a “respirar o espírito” de celtas e germanos. As pesquisas intelectuais e suas exposições são fundamentais para evitar o mais possível as fantasias que distorcem as culturas originais de maneira aleatória, mas o ambiente artístico e literário ajuda a participar nessas culturas de modo mais completo. O ideal é distante, mas devemos tentar chegar próximo: alcançar a plenitude da realização humana.

Referências

- ABRANTES, Elisa. Marcas celtas na literatura irlandesa contemporânea. In: TÔRRES, Moisés, e outros (org). **Livro de Atas**. III Simpósio Nacional e II Internacional de Estudos Celtas e Germânicos. São João del-Rei, UFSJ, 2008, pp. 153-171.
- BIRKHAN, Helmut. Porque nos encantamos tanto com os celtas e a “elfização” do mundo. In: TÔRRES, Moisés, e outros (org). **Livro de Atas**. III Simpósio Nacional e II Internacional de Estudos Celtas e Germânicos. São João del-Rei, UFSJ, 2008, pp.15-36.
- FOSTER, R.F. (ed) **The Oxford History of Ireland**. Oxford, New York: Oxford University Press, 1992.
- LANGER, Johnni. **Deuses, monstros, heróis**. Ensaios de mitologia e religião viking. Brasília: Ed. UnB, 2009.
- LUPI, João. Os lusitanos e a construção do ideal nacionalista português. **Brathair**, 1 (1) 2001, pp. 13-19.

ZIERER, Adriana. O *Brathair* na História. In: LUPI, João (org). **Druidas, Cavaleiros e Deusas**. Florianópolis: Insular, 2010, pp. 15-30.

ZIERER, Adriana. **Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal**. São Luís: Ed. UEMA, 2013.

¹ Professor de Filosofia Medieval e de Filosofia da Religião, atualmente professor voluntário da Universidade Federal de Santa Catarina. Co-fundador do Grupo de Estudos Celtas e Germânicos.